O Sal da Vida

Dedicado à minha esposa Cristiane

e aos meus filhos Guilherme e Isabella.

Beijo com carinho.

Aos meus amigos da operação HDF Atento Brasil

em especial o supervisor Valdeci Marcílio pela colaboração.

Vou contar aqui uma história de amor que não poderia ter acontecido. Uma história de amor que na mentalidade de muitos (e eu me incluo entre eles) seria inconcebível. Uma história de amor entre duas crenças, mas de um só Deus. Uma história que salvou várias vidas ao redor de duas pessoas.

Há muitos anos na saída de um culto da Igreja Batista que eu frequentava, minha amiga, a irmã Lúcia, esperou que os demais saíssem da igreja e falou comigo:

- Irmã Marina, posso falar com você?!...

- Claro irmã, em que posso lhe ajudar? - perguntei

Eu vivia um momento muito difícil pois acabara de perder meu marido, e ainda tinha muitas dívidas da morte de minha filha um ano antes que nem vendendo minha pequena casa consegui saldar.

- Na verdade, irmã, não é a mim que você vai ajudar, mas eu vou tentar lhe ajudar.- ela disse com um sorriso amável.

- Como assim? - quis saber com um sorriso espantado.

A irmã Lúcia era uma mulher pequenina, sempre de bem com a vida, não deixando transparecer seus problemas para os outros. Magrinha,

cabelos grisalhos sempre presos em um coque atrás da cabeça, sempre com uma palavra de carinho para quem precisasse.

Ela deu seu melhor sorriso e continuou:

- Sei que você está desempregada e precisando de dinheiro, como todo mundo...

Na verdade, naquela época, eu achava que precisava de MAIS dinheiro que todo mundo, mas procurei não fazer esse comentário. Lúcia continuou:

- Tem um amigo meu, muito boa gente que acabou de se separar e vai passar a morar sozinho ali nos Colibris... Ele é um bom homem, educado, inteligente e que entende nossa fé.

Aquela última frase me deixou curiosa:

- Como assim : "...entende nossa fé..."? Ele não é um dos nossos.

- Na verdade, ele é muito diferente de qualquer um que nós conhecemos... - ela disse rindo – Ele é católico, mas respeita nossa crença e volta e meia aparece para ver o Pastor pregar.

A irmã Lúcia parecia saber qual seria a minha próxima frase:

- Mas se é assim, por que ele não vem pra nossa igreja logo?

- Ele acredita em DEUS... Não faz questão de templo ou igreja, e até nosso Pastor já deu razão aos argumentos dele.- ela respondeu rindo muito. - Mas voltando ao que eu queria te dizer: ele está precisando de uma pessoa para trabalhar na casa dele. Como eu havia dito, é só ele na casa e, um final de semana ou outro, os filhos dele vão para lá, mas também são crianças ótimas.

A idéia de trabalhar na casa de um católico, cheio de imagens e profanações das sagradas escrituras, não me animava. Porém, devo

admitir que a necessidade falou mais alto.

- Tudo bem, irmã... - falei finalmente – Quem precisa não escolhe!

- Ah, Marina... você vai ver que foi Deus que te mandou para aquela casa...

Eu sorri amarelo.

Achava que Deus estava me pondo a prova. Só que não sabia que, na verdade, Deus estava me pondo de testemunha de uma história fascinante. Uma história que poderia mudar a vida de muita gente que soubesse que ela existiu. E Deus me deu a chance de ser testemunha desta história.

Marcamos de ir à casa no dia seguinte.

Era um domingo lindo de muito sol.

Chegamos ao "Colibris" que é um condomínio no Embu-Guaçu e após passarmos pela portaria chegamos à casa que ficava de frente a um belo lago. A casa era gigantesca com um bosque ao lado direito de quem fica de frente, e toda uma construção do lado esquerdo da casa. Entramos pelo portão que estava aberto e chegamos à entrada principal da casa.

Não dava para não ficar admirada com o tamanho daquele "castelo".

Acho que deveriam caber muitos dos meus "quartinhos" naquela enorme mansão. Nunca tive preguiça de trabalhar, mas só de pensar na limpeza daquela casa me bateu um enorme desânimo e uma vontade de chamar a irmã Lúcia para ir embora. Foi Deus que não deixou as palavras saírem da minha boca.

- Lúcia querida... que bom vê-la novamente!

Olhei para ver de onde vinha o cumprimento e vi um homem alto, com cabelos grisalhos e um ar jovial. Seu jeito era cativante, e o

sorriso que apresentava enternecia.

- É sempre bom ver você também, tio Rogério! - e cumprimentaram-se como velhos amigos que eram.

Os dois sorriram ao notar a minha cara de espanto. Foi a irmã Lúcia que me explicou:

- O Rogério foi durante alguns anos motorista de transporte escolar. Foi aí que eu o conheci. Ele levava "nosso povo" para os cultos festivos e ficava assistindo conosco até o culto acabar. É por isso que te disse que ele é um homem diferente.

Não me lembro sinceramente qual foi minha resposta. Sei que tanto Lúcia quanto meu empregador continuaram com aquele sorriso. O silêncio foi quebrado por Rogério.

- A Lúcia me falou da senhora. A senhora já viu a casa? - ele me perguntou com um sorriso maroto.

- É bem grande, não é?! - eu respondi tímida.

Mais uma vez os dois riram.

- Limpar isso aqui dá um trabalhão. - ele continuou ainda com aquele sorriso.

- Foi... o que eu imaginei. - respondi quase engolindo seco.

Como já disse, não tenho medo de trabalho, mas aquela casa assustava até um batalhão. Estava tão preocupada que não percebi que Lúcia se segurava para não rir.

- Ainda bem que essa não vai ser sua preocupação... - ele disse reticente.

- É... - respondi sem pensar o que causou uma explosão de riso

na irmã Lúcia – C-Como?

Rogério deu um sorriso agora paternal. Olhou para mim com uma doçura que desde que meu marido havia ido ninguém mais havia me olhado daquele jeito. Se eu não fosse já tão velha, acharia que aquilo era charme.

- Na verdade, eu queria mesmo era ver a senhora. - ele continuou – O que eu preciso aqui é de alguém para administrar a casa e cozinhar. A sua função aqui será a de administrar os funcionários que são uma diarista que vem uma vez por semana, um jardineiro que vem a cada quinze dias e um rapaz que limpa a piscina a cada quinze dias também.

Novamente devo admitir que não me lembro do que respondi. Acho que o alívio foi tanto que quando vi que não faria faxina, já fiquei a vontade (do meu jeito, claro) o que causou novo ataque de riso na irmã Lúcia.

Saímos pela casa conhecendo cada cômodo.

A parte de baixo da casa eram salas de estar, de jantar, de TV, um escritório, uma biblioteca a cozinha, a lavanderia e alguns banheiros. A parte de cima dividida em ala dos quartos e ala social. A "ala dos quartos" era composta por seis quartos e mais um escritório e a "Ala social" tinha uma sala íntima e uma sala de reuniões enorme com uma mesa comprida com oito cadeiras de espaldar alto como se fossem tronos. Ali naquela sala eram tomadas a maior parte das decisões importantes fora da empresa.

Antes de continuar vale esclarecer o que era "A EMPRESA"...

O senhor Rogério, como foi dito, era motorista de transporte escolar. Vivia mal com a esposa e não gostava do que fazia. No entanto, um dia, depois de mais uma discussão com a esposa, ambos resolveram que a situação havia chegado ao extremo e resolveram que seria melhor se separarem. Ela ficou com a casa, ele foi embora morar com os pais.

O senhor Rogério nunca foi um homem preguiçoso, e trabalhava

muito.

Um dia, Deus olhou por ele. Ele já estava separado há um mês, e resolveu fazer um jogo por fazer. Não olhou prêmio, simplesmente escolheu os números e pagou a aposta. Fez a coisa toda tão displicentemente que ao passar o concurso nem se preocupou em conferir. Três semanas depois, após ouvir comentários na empresa onde trabalhava de que o milionário não havia ido buscar o prêmio, ele se tocou do bilhete esquecido na carteira. Ao sair da empresa entrou na primeira casa lotérica que encontrou e, qual não foi sua surpresa diante de tantos dígitos que aquele pequeno pedaço de papel lhe dava direito.

A primeira coisa que alguém faria, seria fazer muito alarde: gritar... pular...

Não foi o que ele fez.

Ele agradeceu a moça que conferiu o bilhete(ela sim, tremia como se ela tivesse ganho o prêmio), saiu do mesmo jeito que havia entrado, e entrou na primeira igreja que encontrou (e ele ri contando que a igreja não era católica).

Nessa igreja ele fez uma promessa: assim como Deus o havia ajudado, ele nunca ia se negar a ajudar ninguém que precisasse, não importando quem fosse (é claro, que no futuro essa promessa lhe custaria muito caro, mas promessas são assim: tem que ser cumpridas!!).

Com o dinheiro ele comprou três redes de estacionamentos pequenas, tornando-as uma só. Após isso, ele comprou vários imóveis e montou uma grande administradora imobiliária. Não satisfeito, ele comprou uma rede de escolas particulares, e passou a financiar outras instituições que se dedicassem ao incentivo do ensino como forma de melhoria de vida.

Para administrar cada um desses setores ele trouxe seus melhores amigos para trabalhar como diretores dessas áreas: era a “DIRETORIA DE ELITE”.

Os diretores eram jovens em sua maioria. Homens e mulheres com histórias de vida muitas vezes sofrida, de tristezas e dificuldades profundas. Nas várias reuniões que eles tiveram cada um me contou sua história, sempre terminando com a mesma frase: “EU VIVIA NO INFERNO, E O ROGÉRIO ME RESGATOU...”

Claro que eu não vivi com eles o tempo todo, mas para essa história ter alguma lógica eu vou ter que descrever momentos aos quais eu não estive presente e por isso tive que confiar no relato que as pessoas envolvidas me passaram. Portanto, sempre que alguma narrativa se passar fora do meu ambiente, entendam: eu fiquei sabendo por uma das pessoas que ali estavam.

Esclarecido isso, voltemos à narrativa:

Como disse, na parte de cima, havia a “Ala Social” e a “Ala dos quartos”.

A “Ala dos quartos era composta por cinco suítes, sendo quatro do mesmo tamanho e a quinta, gigantesca que era o quarto do senhor Rogério. Ao entrar no quarto que estava com as cortinas abertas, avistava-se à frente o lago em frente ao casarão, à esquerda a “Ala do bosque” e a direita a “Ala de vidro”. O quarto estava impecável: limpo se sem nada de poeira.

Durante minha visita, o senhor Rogério ficou todo o tempo parado a porta como se me examinando. Não quis dizer, mas me parecia que ele queria saber se eu havia “notado algo”.

Ele tinha nos lábios um sorriso como se... não sei... se divertisse com a situação, talvez...

Após alguns instantes de “exploração” pelo quarto, ele finalmente perguntou:

- A senhora achou que tudo está normal?!

O sorriso em seus lábios estava tão “maroto”, como se ele estivesse a

ponto de explodir em uma gargalhada. Olhei a minha volta ressabiada e novamente nada percebi. Ele, vendo que eu nunca perceberia me avisou então:

- Dona Marina, quando a moça vier fazer a limpeza dessa casa, quero que a senhora a lembre que TODA a casa deve ser limpa, menos aquela prateleira... - e apontou uma prateleira a minha esquerda onde estavam cinco porta-retratos.

- Sim senhor... - respondi mecanicamente, ainda sem entender o "porquê".

Olhei novamente para ele e ele continuava a sorrir.

Voltei meu olhar para a prateleira dos porta-retratos e mais uma vez fiquei sem entender.

Como eu disse, na prateleira haviam cinco porta-retratos: no primeiro, o filho mais velho aparecia ao lado de uma moça na festa de seu quarto aniversário (isso eu fiquei sabendo mais tarde). No segundo, uma foto do avô paterno no mesmo lugar com algumas pessoas convidadas ao fundo. No terceiro, o menino estava com a moça da primeira foto em uma mesa dentro do restaurante conversando, na quarta a moça o arrumava para uma apresentação na escola em que ele estudava (aí fiquei sabendo que era a primeira professora dele), e na quinta aparecia a moça e o menino em trajes natalinos... Não, a princípio não entendi o "porquê".

- São fotos do seu filho... - eu disse finalmente.

- Do meu filho?! - o sorriso se acentuou em seu rosto.- Tem certeza?

Examinei as fotos com mais cuidado. Não entendia onde ele queria chegar. Examinei uma a uma as fotos e cheguei à mesma conclusão.

- São fotos do seu filho...

- Do meu filho?! A senhora está certa disso???

Eu não entendia o “porquê” da ironia, no tom de voz dele...

- Sim... - eu respondi, já não tão certa do que eu dizia - … e, do seu... pai???

- Do meu pai?? - ele se aproximou surpreso. - Nossa, nem tinha percebido meu pai nessa foto.

Ele riu.

Como não havia percebido o pai??? Ele estava ali, logo no primeiro plano...

Minha amiga, a irmã Lúcia, já havia me prevenido sobre o senso de humor de meu patrão e, naquele momento, entendi aquilo como uma de suas brincadeiras. Antes de sair do quarto porém, ainda dei uma última olhada nas fotos. Balancei a cabeça e resolvi esquecer o assunto.

E foi o que fiz até a primeira sexta-feira em que passei na casa.

A moça que fazia a faxina era uma magrinha muito jovem que ficava praticamente o dia todo ouvindo música “do mundo” no celular. O nome dela era Amarílis. Quando acabou o serviço, ela veio falar comigo.

- Pronto Dona Marina... - ela disse bufando com um cansaço fingido – Tudo limpo menos a “prateleira misteriosa”...

A ênfase que ela deu a essas últimas palavras me alertou.

- O que você disse? - perguntei sem entender.

- A prateleira no quarto dele que não é nem para chegar perto. - ela falou com desdém – Acho que ele pensa que a gente vai quebrar aqueles porta-retratos...

- Ele... deve ter um motivo... para não querer aquele lugar

limpo. - tentei deduzir.

- Será que o filho dele morreu? - Amarílis perguntou de repente.

- Não fale bobagens... - eu a repreendi – Ele, junto com a irmã, virão passar o fim de semana com o pai... Não, não é isso...

Amarílis ficou em silêncio.

Eu, por minha vez, apenas paguei para ela e fiquei pensando naquele mistério...

Não sou uma pessoa curiosa.

Pelo contrário, muitas vezes as coisas "me fogem".

No final de semana fiquei conhecendo Marcelo e Adriana: os filhos do senhor Rogério.

Ao contrário das fotos do quarto, Marcelo era um adolescente lindo de cabelos muito loiros olhos azuis profundos e uma pele maravilhosa. Adriana tinha os mesmos traços do irmão, bem mais magra e com um ar extremamente sapeca.

Os dois eram muito educados e gentis, mas Adriana era também autoritária e inflexível.

Não com o pai (e devo admitir que também não comigo), mas os tios e professores reclamavam do gênio difícil da menina.

Os dois me cumprimentaram amavelmente e, cada um com suas coisas rumaram cada um para o seu quarto. O senhor Rogério veio receber os dois. Abraçou-os longamente, pegou a bolsa da filha e os três entraram falantes no interior da casa.

Uma mesa enorme de café das manhã aguardava as "crianças" (na verdade, Marcelo tinha 12 anos e Adriana tinha 8 anos). Ao verem aquela mesa que eu havia preparado com todo carinho, Adriana, que não tinha "papas na língua" falou decepcionada:

- A gente não pode mais comer na cozinha??

- Ah, claro... - o senhor Rogério parecia desconcertado – Dona Marina, me perdoe... eu esqueci de lhe avisar, os meninos não tem esse negócio de …

Eu sorri.

Claro que eu havia entendido... e, confesso, fiquei feliz.

Aquelas duas crianças poderiam ter o que bem quisessem, mas não ligavam. A única coisa que lhes interessava era a presença e a companhia do pai.

Olhei aquela cena...

Na verdade, o que parecia era que três crianças estavam na mesa.

Normalmente, o senhor Rogério era muito sério durante a semana. Saía pela manhã muito cedo, quase sempre escapando de tomar o café que eu preparava. À noite quando ele voltava, comia alguma bobagem e passava longe de um jantar.

Depois de algum tempo eu passei a conhecer melhor as pessoas ao seu redor.

Uma delas era a ex-esposa, Cláudia.

Era uma mulher muito bonita, com cabelos castanho-claro, olhos vivos e muito simpática. Ninguém me tira da cabeça que ela ainda era apaixonada pelo meu senhor... A primeira vez em que ela apareceu na casa, ela foi muito educada. Daí eu entendi de onde vinha a educação dos meninos. Porém, com o tempo, eu percebi de onde vinha o geniozinho difícil da Adriana...

Às vezes ela aparecia durante a semana. Eu não conseguia entender como ela sabia que ele estava em casa mais cedo, até descobrir que um dos seguranças da entrada do condomínio ligava para ela

avisando.

Quando ela aparecia, ou eles ficavam conversando por horas, ou ficavam discutindo por horas. E, cá entre nós, eles eram melhores quando conversavam.

Durante os fins de semana em que os meninos vinham para casa, o senhor Rogério era outro...

Alegre, risonho, brincalhão...

Já quando as crianças não vinham, ele era mais... introspectivo. Isso quando ficava em casa. Ou ele passava o dia lendo a beira da piscina, ou ele ficava na capela da casa... lendo...

Quando estava sozinho eu precisava chamá-lo diversas vezes para almoçar, e, quando não esfriava tudo, ele muitas vezes alegava não sentir fome e ficava na sala de TV assistindo qualquer coisa...

Eu, na minha modesta visão de vida, percebia o que se passava: ele ainda era muito apaixonado por ela. E, pelo que via das brigas e conversas com a "EX", ele também era único para ela.

Mesmo assim, algumas vezes, eu sentia algo estranho nela...

Eu não sabia bem o que era. Me preocupava vê-los juntos, não sei porque... Ou não sabia! Mais pra frente eu descobriria que havia um "porquê".

E essa minha preocupação também estava presente na vida de outras pessoas que também gostavam muito do senhor Rogério: a sua "DIRETORIA DE ELITE".

Em uma manhã de segunda toda a diretoria estava reunida na sede da empresa. Após os tópicos gerais, os quatro "diretores menores" como eram chamados os diretores que não faziam parte da alta cúpula da EMPRESA, saíram e só ficaram os sete "DIRETORES DE ELITE".

- Muito bem... - disse o senhor Rogério – Vocês pediram... aqui estamos.

Todos se entreolharam como se se perguntassem quem falaria... Por fim foi Priscila diretora do RH geral quem resolveu tomar a atitude:

- Rogério, nós estamos preocupados com você!! - ela disse afinal com autoridade que lhe era de costume

- Comigo??? - foi uma das poucas vezes que alguém viu uma expressão de surpresa no rosto do senhor Rogério.

- É, Rogério... - animado por Priscila, Conrado tomou a palavra – Você um dia salvou nossas vidas em nome da nossa amizade, e a gente decidiu te dar um toque do que estamos vendo...

A expressão de curiosidade se acentuou no rosto do meu senhor. A pessoa que me contou os detalhes desta reunião me disse que nesse momento ele arqueou a sobrancelha direita e com um sorriso irônico, ficou aguardando o que estava por vir.

- Você nos deu uma oportunidade de ouro, quando muitos de nós estávamos...”queimados” para o mercado de trabalho nas nossas áreas.- a frase de Tatiane, a caçula do grupo expressou bem o sentimento de todos.

- “QUEIMADOS”??? - protestou Aldo do financeiro – Torrados você quis dizer...

- Incinerados, cremados até... e já iam jogar nossas cinzas fora... - completou Luiz.

- Ah, não é para tanto... - defendeu-se Eduardo – Exagero de vocês...

- Cara, - falou novamente Aldo - pensa só um pouco: o que tem de artigo do código penal nesta sala...

Luiz, que além de diretor jurídico, também era irmão do Aldo listou alguns:

- Desvio de dinheiro, tráfico de entorpecentes, tentativa de homicídio, lesão corporal grave, receptação … - falou com voz desanimada.

- Acho que o mais leve aqui é o Jaci... - comentou Conrado. - Embriagado no local de trabalho...

- ELE DANÇOU SÓ DE CUECA NA MESA DO GESTOR... - protestou Tatiane...

- Tá bom, SENHORA ATENTADO VIOLENTO AO PUDOR... - falou com desdém Priscila.

- No fim todos nós somos culpados... - filosofou Eduardo com voz professoral.

O senhor Rogério até então em silêncio, sorrindo com todo aquele carnaval, resolveu tomar a palavra:

- Minha querida QUADRILHA... ops, desculpem... DIRETORIA... - a ironia era uma de suas marcas (só para constar... acho que já deu para perceber).- Alguém pode me colocar no centro das atenções de novo ou eu vou continuar me sentindo excluído dentro da minha própria sala de reuniões...

Todos se entreolharam novamente.

- Na verdade, patrão, a gente tem notado que nos finais de semana em que você esteve com as crianças, você tem uma ótima segunda-feira... já nos finais de semana em que você passa sozinho...

A intervenção de Jaci foi providencial.

Jaci era o braço direito do senhor Rogério. A maioria dos assuntos que chegavam ao senhor Rogério, invariavelmente passavam por ele antes. Por ele ser negro (magrinho e alto, nada de um super guarda-costas), muitos (Conrado e Eduardo) o chamavam de sombra.

- Mas... galera, eu não fico sozinho aos fins de semana... - ele

falou “inocente” - eu fico com a Marina...

- Você fica com aquela velha???? - gritou Jaci espantado (aqui faço um parenteses para explicar duas coisas: 1ª – deu para perceber que não foi o Jaci que me contou sobre essa reunião, ou ele haveria omitido essa parte, concorda?! E 2ª: VELHA É A GENITORA DELE).

Mais uma vez, o senhor Rogério teve um sorriso paternal.

- Não … A dona Marina é o meu braço direito em casa. E todos vocês sabem disso. Na verdade meninos e meninas, eu não sei o porquê dessa preocupação toda. É que tem segunda-feiras que são terríveis...

- Principalmente as que vem após um final de semana sozinho... - filosofou de novo Eduardo.

O senhor Rogério sorriu balançando a cabeça negativamente.

- Galera, vocês estão exagerando... Vocês sabem que eu sou uma pessoa de muitos pensamentos, e eu hoje tenho centenas de famílias sob minha responsabilidade. Apesar de ter vocês comigo, eu não posso deixar de pensar em todos os funcionários todos os dias.

- A gente só acha que você precisava pensar um pouco em você. - disse Tatiane.

- Ou melhor, que encontrasse alguém que se preocupasse com você... - completou Priscila.

- Mas eu já tenho meus amores... - disse o senhor Rogério com seu melhor sorriso.

- JÁÁÁÁÁÁ?! -perguntaram em uníssono.

Claro que sim... - ele respondeu sarcástico – VOCÊS!!!

E com isso decretou o fim da reunião deixando seus amigos-diretores com queixo caído.